

Baruch Spinoza, filósofo do século XVII, apresenta uma visão singular de Deus que rompe com as tradições teístas clássicas.

Para Spinoza, Deus não é um ser pessoal, separado do mundo, que intervém nas ações humanas.

Ao contrário, Deus é a própria

Natureza (Deus sive Natura). Isso significa que tudo que existe - a substância infinita - é Deus. Ele é imanente, está em

todas as coisas e é a causa de si mesmo (causa sui).

Em sua obra "Ética", escrita em estilo geométrico, Spinoza defende que Deus é a única substância existente, com infinitos

atributos, dos quais conhecemos apenas dois: o pensamento e a extensão. Tudo que existe são modos dessa substância, ou seja,

manifestações ou expressões dela.

Esse pensamento tem implicações profundas. Elimina o livre-arbítrio, pois tudo segue a necessidade da natureza divina. Elimina

também a transcendência de Deus, já que não há um "fora" de Deus. Tudo é Deus. Essa visão panteísta influenciou profundamente

a filosofia posterior, especialmente no romantismo, e ecoa em debates contemporâneos sobre natureza, espiritualidade e razão.

Para Spinoza, amar a Deus é compreender racionalmente a ordem do mundo e aceitar seu lugar nela - um amor intelectual que leva

à liberdade e à bem-aventurança. Deus, então, não é um pai, um criador ou um juiz. Deus é o ser absoluto e necessário do qual

tudo deriva e em que tudo permanece.